

Nos últimos anos, têm avançado, quantitativa e qualitativamente, o debate e os estudos acerca da relação entre filosofia e educação. Impulsionada pelos desafios que permeiam os processos educativos situados no âmbito de sociedades complexas e plurais, a filosofia da educação tem sido instada a contribuir com a reflexão sobre o significado desses mesmos processos. Todavia, para compreender com profundidade os fenômenos educacionais que emergem em tal âmbito, a filosofia da educação tem de, por um lado, e sem perder de vista suas especificidades, colocar-se em uma atitude de diálogo com outros campos do conhecimento para abordar as questões educacionais. Nesse sentido, deve estar aberta às contribuições e a uma interlocução crítica e criativa com áreas como a pedagogia, a sociologia, a psicologia, a antropologia, dentre outras tantas.

Isso somente é possível se ela ultrapassar a pretensão de ser a fundamentadora da educação, reduzida a um papel exclusivamente teórico-conceitual. Com efeito, depois de Hegel, iniciou-se um processo permanente de desconstrução do pensamento metafísico, baseado em duas premissas básicas: a) na fundamentação última do discurso baseado em um único princípio; b) na crença de que há uma interioridade do sujeito, designada de alma ou consciência substancial, constituída como essência humana, da qual se derivaria dedutivamente tanto o conhecimento quanto os parâmetros para a ação e a aprendizagem humana. A ruptura com essas duas premissas conduziu à crítica da definição clássica de ser humano, passando-se a compreendê-lo como sujeito agente que se expressa linguisticamente. Desse modo, a convicção antropológica básica que passa a dominar o pensamento pós-metafísico, e que terá também consequências pedagógicas importantes, consiste na ideia de que é a ação e a linguagem que denotam a racionalidade humana. A mudança paradigmática decorrente é profunda, uma vez que a racionalidade e, com ela, a nossa capacidade de aprendizagem brotam de nossa historicidade e sociabilidade, constituídas pelo fato de sermos agentes simbólicos.

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v23i2.6525>

Por outro viés, a filosofia da educação tem o desafio de fazer frente a compreensões que tendem a reduzir a pesquisa educacional apenas a uma perspectiva pragmático-tecnicista. Em razão do caráter complexo e plural que marca as sociedades contemporâneas e as questões educacionais a elas colocadas, uma única tradição teórica não pode mais reivindicar o monopólio da compreensão dos problemas nesse campo.

Nesse sentido, a pesquisa em filosofia da educação tem de levar em conta as diferentes vertentes intelectuais que justificam a importância de desenvolver-se um pensamento pedagógico crítico. Tais vertentes enfatizam a necessidade de uma ampla formação pedagógica não restrita, pois, a uma ou outra área especializada de atuação do profissional docente, tampouco conduzida por um enfoque profissionalizante de cunho tecnicista. Ela se constitui como um exercício interrogador dos processos educativos, uma experiência do pensar que deve envolver efetivamente os sujeitos nela implicados. Assim compreendida, a filosofia da educação constitui-se em uma prática do pensar que ajudaria e desafiaria permanentemente educadores e educandos, em diferentes contextos, a encontrar novos sentidos para a própria ação educativa.

Last but not least, também se constitui como desafio à pesquisa em filosofia da educação não apenas dar conta do rigor conceitual e do espírito sistemático na abordagem da educação a partir de uma perspectiva aberta e pluralista do pensamento de grandes autores e filósofos, mas também levar devidamente em conta os problemas, atualmente, emergentes da práxis educativa e da realidade sociocultural brasileira.

Assim, a *Revista Espaço Pedagógico* apresenta o volume 23, número 2, de julho a dezembro de 2016, com o tema central intitulado **Filosofia da educação e pesquisa educacional**, no qual se busca atualizar o debate em torno da natureza da pesquisa em filosofia da educação, questões relativas ao seu campo, seu diálogo com outras áreas do saber, assim como determinados desafios e temas colocados para esse campo educacional com base em artigos que comportam uma pluralidade de abordagens e possíveis leituras dentro dele.

Iniciamos por apresentar os sete artigos que compõem a seção temática desta edição. No primeiro artigo, intitulado *Filosofia da educação e pesquisa educacional: movimentos em direção ao diálogo*, José Pedro Boufleuer e Paulo Evaldo Fensterseifer defendem a necessidade de colocar em interlocução os saberes advindos da filosofia e da educação, situando as especificidades de cada campo, as tarefas e os desafios que assumem ao buscar tal aproximação.

Seguindo, a pesquisadora argentina Andrea Díaz apresenta o artigo *Normatividad, justicia y educación*. A propósito de la vinculación entre filosofía de la educación e investigación educativa. Posicionando-se no lugar da teoria crítica, a autora busca reconstruir a interface entre teoria normativa e ciência social, particularmente no que diz respeito ao debate sobre a justiça social no campo educacional.

Filosofia da educação: considerações críticas conceituais à reforma educacional dos cursos de pedagogia é o título do artigo assinado por Gilson Luís Voloski. A análise empreendida pelo autor parte da constatação de que os cursos são insuficientes na formação prática de ensino e argumenta em torno da ideia de que a relação da teoria com a prática se dá em duplo sentido. Ao mesmo tempo em que visa à unidade de identidade no ensino, reconhece um núcleo de tensão aberta à crítica e à autocrítica.

Norberto Mazai apresenta, na sequência, o artigo intitulado Educação, pesquisa e consciência epistemológica: uma breve reflexão em torno do pensamento de Popper e Boaventura Santos, no qual provoca a reflexão para novas práticas educativas com base em contribuições no campo epistemológico e educacional. Para tanto, discute a construção e a importância da pesquisa na educação como projeto educativo emancipatório.

No artigo de Lúcia Schneider Hardt, Danilo José Scalla Botelho e Rodrigo Mafalda, nomeado A mentira da verdade onto-teo-lógica: logos e areté em (per) formação, os autores trazem a discussão acerca da formação, aportando a análise em Nietzsche, no esforço de diferenciar genealogicamente dois tipos de *logoi* e de questionar as democracias contemporâneas e seus respectivos sistemas educativos com base nessa arquitetura conceitual.

Edison Alencar Casagrande, no artigo intitulado A filosofia e a disciplinarização do saber: diálogo e poder na escola, debruça-se sobre o tema da disciplinarização diante da fragmentação do saber. Analisa os elementos motivadores do processo de disciplinarização do saber e suas consequências pedagógicas, em um primeiro momento, para, em seguida, argumentar em favor da filosofia e de uma metodologia fundada no diálogo como possibilidade de superação da lógica da fragmentação e do exercício coercitivo do poder na escola.

Encerrando o conjunto de textos que integram a seção temática, no artigo Filosofia da educação: contribuições da teoria crítica para pesquisa educacional, Mauricio Rebelo Martins defende a aproximação entre a teoria crítica e a pesquisa educacional, sob o argumento de que isso contribui para a identificação dos principais desafios da educação e suas instituições no contexto complexo e plural das sociedades atuais.

Os artigos apresentados a seguir são oriundos do fluxo de demanda contínua da *Revista Espaço Pedagógico*. Luciana da Costa Dias, no artigo intitulado Educar para quê? Observações acerca da educação e cultura a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche, discute a relação entre cultura e educação em Nietzsche, explorando a problemática colocada pelo autor quanto à função da prática educativa no ensino profissionalizante alemão, diagnosticada como submissa e atrelada aos interesses da economia de mercado.

As pesquisadoras Sybelle Regina Carvalho Pereira, Doris Pires Vargas Bolzan e Vanessa Sandri subscrevem o artigo denominado Aprendizagem docente do formador: os sentidos na e da docência no contexto do trabalho pedagógico no ensino superior, no qual discutem a aprendizagem docente na educação superior, analisada a partir da dimensão categorial dos sentidos produzidos no contexto profissional.

Encerrando a seção de artigos de demanda contínua, Jane Cordeiro Oliveira apresenta Conhecimento, currículo e poder: um diálogo com Michel Foucault, com o propósito de problematizar o currículo como instrumento de discurso do poder refletido nos comportamentos adotados em instituições educativas.

Na seção Diálogo com educadores, temos a participação da professora e pesquisadora doutora Nadja Amábilia Hermann, que compartilha com os leitores da revista suas experiências educativas e práticas investigativas na área da filosofia da educação. No percurso da entrevista, nossa convidada discorre sobre seu processo de escolarização, as experiências educativas que lhe marcaram, os desafios que orientaram sua formação e suas influências intelectuais. Também problematiza a relação entre ética e educação e entre ética e estética, o tema do outro e da formação (*Bildung*), e aponta alguns dos principais desafios a serem enfrentados atualmente no campo da pesquisa em filosofia da educação.

Por fim, na seção Resenha, temos duas relevantes contribuições. Cleriston Petry debruça-se sobre a obra *Chagrin d'école* (Paris: Gallimard, 2007), do escritor francês, nascido no Marrocos (1944), Daniel Pennac, pseudônimo adotado por Daniel Pennacchioni. Petry nos convida à leitura dessa obra definida como “um livro pedagógico sobre a dor de não compreender”.

Odair Neitzel, por sua vez, apresenta-nos a clássica obra de Johann Friedrich Herbart, intitulada *Pedagogia geral*: deduzida da finalidade da educação, uma das poucas obras de Herbart traduzidas para a língua portuguesa. Publicada no ano de 1806, Neitzel mostra que essa continua sendo uma obra fundamental para o pensamento pedagógico, mesmo depois de 210 anos, pois representa a guinada do pensamento pedagógico no século XIX e coloca a ação pedagógica no centro das reflexões educacionais.

Almejamos, com o presente número, manter a tradição de publicação de artigos de relevância acadêmica, que possam contribuir para a qualificação das pesquisas e para o aprofundamento das discussões no campo educacional. Boa leitura!

Ângelo Vitório Cenci
Organizador

Flávia Eloisa Caimi
Editora-chefe e organizadora